



EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: ASPECTOS DAS AÇÕES DO SUBPROJETO ARTES DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO NOS ANOS DE 2020 E 2021¹

Isabel Almeida Carneiro²
Julia Miguez Cea Correia³
Layla Negraes Werneck Almeida⁴
João Vitor Barroso da Silva⁵
Bruna de Oliveira Cavalcante⁶

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar e analisar as principais ações do núcleo de Artes do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), seus desdobramentos e repercussões. De frente aos desafios impostos pela pandemia global do novo coronavírus, o projeto desenvolveu diversas e criativas metodologias que buscavam atingir a realidade dos estudantes das escolas parceiras; suas expectativas e limitações foram qualidades que delimitaram cada ideia e ação desenvolvida pelos bolsistas, voluntários e supervisores. Caracterizado principalmente pelo cuidado, respeito, afeto e cumplicidade, o PIBID se mostrou, ao longo dos meses e através de atividades, oficinas e momentos de troca que buscavam explorar o sensível e o criativo dos alunos, sinônimo de aproximação, mesmo com o mundo dependendo da distância. Analisaremos, portanto, os referenciais teóricos, as metodologias, os resultados e a importância do projeto tanto para a apresentação do cotidiano escolar aos bolsistas e voluntários, quanto para a formação dos estudantes e avanço da educação pública nacional, a fim de reiterar o compromisso do PIBID com a aprendizagem e com o desenvolvimento pedagógico e cívico dos alunos das escolas parceiras e dos licenciandos, aproximando os princípios defendidos pela Universidade às instituições escolares e à sociedade como um todo em um período de crise.

¹ O artigo é resultado do projeto de pesquisa PIBID e financiado pela CAPES.

² Professora orientadora: prof^a Adjunta do Instituto de Artes e do Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ, Coordenadora do Subprojeto Artes desde 2017 - UERJ, udtlea@gmail.com

³ Graduanda pelo Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, juliamiguezcc@gmail.com

⁴ Graduanda pelo Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, laylawerneck@outlook.com

⁵ Graduando pelo Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, joaovb02@gmail.com

⁶ Graduanda pelo Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, brunacavalcante152@gmail.com



Palavras-chave: Artes Visuais, Ensino remoto, Educação, Pandemia.

INTRODUÇÃO

Ainda na primeira onda da pandemia do Sars-Cov-2 no Brasil, o edital da Capes PIBID e RP-2020 foi lançado. Foi com muita expectativa que os professores-coordenadores que compuseram a equipe do edital anterior em 2018 foram então convocados para participar de uma reunião remota através da plataforma Google Meet pela coordenadora da PR-1 da UERJ. Nessa reunião, cada um travou batalhas pelas bolsas de Iniciação à Docência, e nesse momento ficou nítido como seria essa edição PIBID 2020 na modalidade remota, em meio à um momento tão turbulento como o que atravessávamos.

O subprojeto Artes - ligado ao Laboratório de Ensino da Arte do Instituto de Artes - colabora com o PIBID desde 2012, e conseguimos nesta última edição dezesseis bolsistas de Iniciação à Docência, quatro vagas de voluntários e duas bolsas de supervisores das escolas parceiras. Essas bolsas do programa PIBID da CAPES foram e são fundamentais não só para a manutenção de vínculo dos alunos com a universidade pública, como também para a continuidade da qualidade do trabalho na licenciatura em Artes Visuais do departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ficamos contentes em trabalhar com duas escolas de ensino médio - o C.E. João Alfredo e o CIEP Cora Coralina -, sendo uma delas no município de Duque de Caxias e a outra na cidade do Rio de Janeiro.

Em vista disso, e a fim de reforçar o papel socioeducativo fundamental do projeto, urge a necessidade de se elencar os principais aspectos das ações aplicadas durante esse quase um ano de realização da iniciativa com os alunos das escolas parceiras e os licenciandos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir do contexto pandêmico que nos era contemporâneo, começamos a questionar qual a necessidade de agirmos e pensarmos filosoficamente o momento de excepcionalidade que estávamos vivendo. Vimos que nos nossos próprios momentos de desamparo, de tristeza e de confusão nos deparávamos com professores, estudantes e colegas que também atravessavam situações semelhantes. Diante disso, percebemos a urgência da nossa atuação nas escolas parceiras a fim de unir o contexto da sala de aula de Artes à nova realidade, seus impactos e condicionamentos.



Em nossa própria dificuldade de avaliação distanciada do momento crítico no qual estávamos submersos, buscávamos dar prosseguimento aos nossos pensamentos e ações no mundo. Nos deparávamos com fronteiras físicas, sociais e psíquicas, e, sem dúvidas, essa situação nos possibilitou adentrar um campo diáfano, posto pelo mais enfático momento de interrupção dos fluxos de nossas vidas contemporâneas; de chegada à clareira da nossa existência. Estávamos, pois, desenvolvendo a sub-teorização proposta por Boaventura de Sousa Santos.

“O problema é que a prática caótica e esquiva dos dias foge à teorização e exige ser entendida em modo de sub-teorização. Ou seja, como se a clareza da pandemia criasse tanta transparência que nos impedisse de ler e muito menos reescrever o que fôssemos registrando no ecrã ou no papel.”(SANTOS, 2020, p. 14)

Nosso principal referencial foram os estudantes. Suas necessidades, aspirações e expectativas foram nosso guia primordial durante todo o processo de realização das propostas do projeto. Seguimos, portanto, não só princípios construtivistas e interacionistas da psicopedagogia, mas também o que o educador brasileiro Paulo Freire quis dizer ao afirmar:

"Outro saber necessário à prática educativa (...), é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. (...) O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que 'ele se ponha em seu lugar' ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência." (FREIRE, Paulo. 1996, p. 65-66, grifo do autor)

METODOLOGIA

Realizamos, desde novembro de 2020, encontros semanais entre os integrantes do projeto e os dois supervisores - professor Manoel Hygino e professora Mariana Paixão. Ao longo dessas reuniões tratamos acerca das nossas condições físicas e psíquicas durante o isolamento social, reforçando constantemente que naquele momento os mais vulneráveis estavam ainda mais negligenciados, já que a pandemia acentuava as diferenças sociais e econômicas já existentes. A partir disso, buscamos desenvolver metodologias que estivessem



de acordo com os ideias de Freire, levando sempre em consideração questões de acessibilidade e problemáticas que perpassassem a realidade dos discentes - como a dificuldade de acesso à internet e a evasão escolar

Desde o início das nossas ações, contamos com a participação de todo grupo na elaboração e organização do primeiro e do segundo “Ciclo de Conversas de formação docente em Artes Visuais – PIBID e RP”. Alguns dos temas abordados foram: “Professoras e suas histórias: africanidades, cotidiano escolar, vida e formação”, que contou com a participação de três egressos do Instituto de Artes que hoje estão na pós-graduação, além de Bárbara Copque, antropóloga e artista que apresentou sobre sua produção de arte feita por mulheres em privação de liberdade. Bárbara mostrou seu trabalho de documentação através da fotografia sobre o cotidiano desses lugares e a tentativa de ressignificar suas rotinas e a autoimagens dessas mulheres; em um outro momento, recebemos os convidados Mariana Paixão do CIEP Cora Coralina, Manoel Hygino do C.E. João Alfredo, Luiz Otávio Ferreira da Luz da E.M. Gov. Roberto Silveira, Soler Divino Viana do I.E. Rangel Pestana e Marcela Wanderly Gaio do CAP UERJ na nossa roda de debates mediada pelas professoras Ana Valéria de Figueiredo e Isabel Carneiro. Durante o encontro, os professores contaram sobre suas trajetórias, como foi chegar até o ensino das artes nas escolas, o desenvolvimento de projetos, e também como foi e vem sendo suas experiências com a educação nas instituições públicas, além de seus novos projetos; foram convidados para formar outra roda de conversas também os antigos supervisores do PIBID, Tathiana Treuffar Alves do C.E Paulo de Frontin, Patrícia Garcia de Almeida da E.M. Azevedo de Sodr e e Soler Divino Viana do I.E. Rangel Pestana, os quais contaram sobre suas experiências com o programa na edição passada, sobre sua importância e de como o PIBID afetou as escolas de modo geral (outros professores, diretores e, principalmente, os estudantes); por fim, contamos também com a participação de artistas e professoras Júlia Xavante (artesã, artista e professora de Artes da rede pública de ensino) e Regina de Paula (artista e docente do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) para debater sobre produção artística indígena na atualidade. A mediação do encontro foi realizada por George Magaraia e Lisa Miranda, ambos alunos do Instituto de Artes.

O Ciclo de Conversas foi, portanto, um espaço muito importante de aprofundamento em temas relacionados à docência em artes visuais. Contando com convidados com experiência notória no campo, percebemos como essas conversações, essas trocas de experiências, contribuíram grandiosamente não só para o desenvolvimento dos bolsistas e

voluntários como também para aqueles que já possuíam uma relação mais madura com a docência e para o público em geral que assistiam aos debates.

II Ciclo de conversas sobre formação docente em Artes Visuais: Pibid e RP

03 14h ago

Aldeia Indígena Maracanã na perspectiva de duas artistas-docentes

Conversa com as docentes Júlia Xavante (Artesã, artista e professora de artes da rede pública de ensino) e Regina de Paula (artista e docente do IART-UERJ)

Mediação: George Magaraia e Lisa Miranda

Local Zoom Meeting e Youtube Projeto MACP

Fonte: Cartaz de um dos encontros do “II Ciclo de conversas sobre formação docente em Artes Visuais: PIBID e RP” publicado em nossas redes sociais. 03 de agosto de 2020.

Além dessas, outra atividade remota muito significativa foi a “Jornada de Afetos” - fruto de uma parceria com o “Biblioteca de aulas”, projeto formado por educadores da rede pública de Niterói. Inicialmente, confeccionamos cartas convites artísticas individuais que foram endereçadas aos alunos das escolas convidando-os a participar da Jornada conosco. Nela, nos reunimos com os estudantes através de um grupo no WhatsApp onde fizemos discussões e trocas sobre temas atuais e necessários como angústia, ansiedade e expectativa. Nas três jornadas realizadas até o momento, o desenvolvimento de um espaço de ligação e carinho com os estudantes das escolas parceiras que participaram ficou claro. Essa foi uma iniciativa fundamental ao projeto, demonstrando, mais uma vez, a importância do afeto à sala de aula.

Realizamos também o chamado “Sarau das mina e dos mano”: espaço de troca artística em que contamos com a participação dos bolsistas, voluntários, supervisores e convidados advindos do ambiente cultural do Slam, onde poesias que retratam diversos



problemas sociais e adversidades que suas autoras e autores atravessam foram recitadas em voz alta. Alguns temas recorrentes no sarau foram o racismo e o sexismo.

Outra participação importante foram os *CineClubes*, realizados pela plataforma Zoom uma vez ao mês. Os filmes escolhidos para o evento trouxeram temáticas importantes para a formação cidadã dos estudantes e fundamentais ao fortalecimento da vida em sociedade, como, por exemplo, sexualidade e questões de gênero, racismo, machismo, gordofobia, homofobia, entre outros. Os curtas metragens “Alike”, “Carne”, “Hair Love”, “Eu Não Quero Voltar Sozinho”, “Neguinho” e “Polícia e Ladrão” foram alguns dos exibidos. Neste último, contamos com a participação da professora de sociologia Lady de Almeida, integrante, inclusive, do Movimento Negro, que promoveu um debate muito importante sobre o racismo estrutural e institucional sofrido por jovens negros, em que houve grande participação dos alunos, participantes do projeto e supervisores.

Em maio de 2021 fomos convidados a participar do “Café com PIBID” - encontro promovido pelo PIBID Música UFRJ, coordenado pelo professor Celso Ramalho. A nova parceria com o projeto foi crucial para o início da elaboração de novas metodologias de ensino das artes que abordassem dimensões sonoras e visuais na modalidade de ensino remoto. Questões essas que também me atravessam desde a pesquisa “Partituras de temporalidades inconciliáveis” artístico-pedagógica de doutoramento finalizada em 2015 na Escola de Belas Artes na UFRJ.

Participamos do “Festival do Conhecimento UFRJ” com três dessas metodologias: A Oficina “O som do traço” que consistia, resumidamente, em apresentar quatro músicas diferentes aos estudantes, que se revezariam no papel de “desenhista” e “adivinhador” - o desenhista expressaria o que a música lhe transmite através de linhas ou figuras, em uma folha que estaria colada nas costas do aluno adivinhador, que, utilizando-se das sensações experimentadas durante o desenho, teria uma chance para acertar qual das músicas teria sido utilizada pelo desenhista. Cada aluno iria desempenhar o papel de desenhista e adivinhador ao menos uma vez. Ao final da atividade, seria feito um debate sobre a opinião dos estudantes em relação à atividade, o que sentiram desempenhando os dois papéis e o que achavam, a luz da experiência, sobre a relação entre som e traço.

A oficina “Sons, Cores e Movimentos”, que foi dividida em algumas etapas: a primeira consistia na criação de um círculo cromático para que fossem discutidas as cores primárias, secundárias e terciárias, cores análogas e complementares juntamente aos



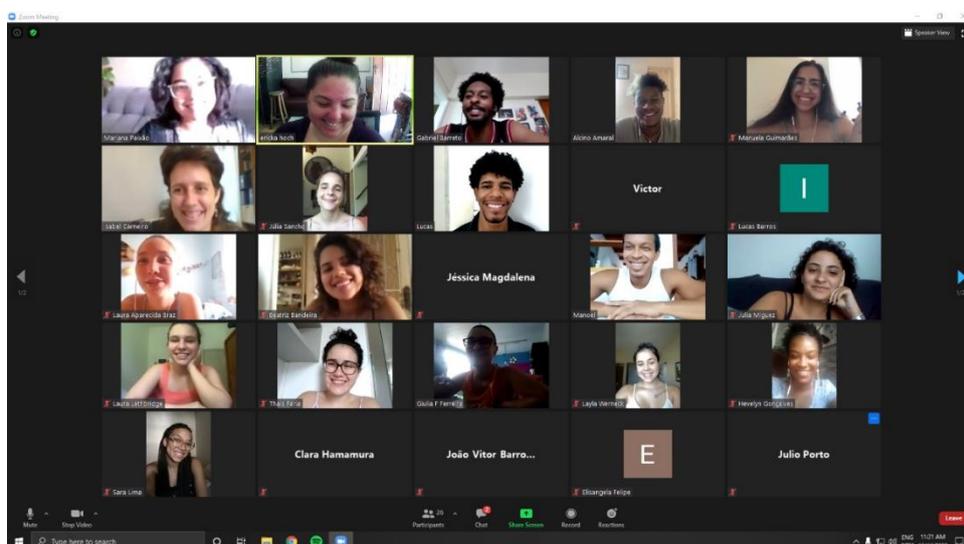
estudantes. Já a segunda etapa – focada no afeto – contaria com a apresentação de fotos de três objetos que fizessem parte do cotidiano dos próprios alunos; objetos esses de três cores diferentes. Em seguida, seria apresentado o artista Kandinsky, sobre sua vida artística, trabalhos e associações entre cores, sons e movimentos. A última etapa consistia na associação de cada cor a um som e um movimento. Após a conclusão das etapas foi feita uma reflexão sobre o objetivo da oficina, que era explorar a sensibilidade, o sensorial e a sinestesia entre as sonoridades e visualidades.

Por fim, a oficina "Visualidade Sonora: o ruído como imagem", que foi concebida pela voluntária Beatriz Nogueira em parceria com a supervisora Mariana Paixão. Na oficina se trabalhou, principalmente, a importância do fazer artístico na construção humana junto aos estudantes – incentivando-os a fazer arte a todo momento. A oficina buscava, através de meios não convencionais de produzir arte como o papel, o lápis, a tela, a tinta e o pincel, que os alunos desenvolvessem e explorassem novas gestualidades a fim de criar um som a partir delas. Dessa forma, foi apresentado o artista contemporâneo Guilherme Vaz, que trabalhou com a questão da sonoridade visual, para embasar e instigar essa outra forma do fazer artístico. Com pequenos exercícios feitos por etapas, os estudantes foram pouco a pouco explorando objetos retirados de seus cotidianos, experimentando seus sons e suas gestualidades. A partir disso, produziram um vídeo de aproximadamente trinta segundos onde apresentaram os gestos e sons que mais gostaram no exercício, ou seja, a visualidade sonora criada por eles.

Em julho de 2021, realizamos, por meio de videoconferência no Zoom, uma visita mediada à exposição “Poéticas Femininas na Periferia”, que aconteceu no Paço Imperial, no Rio de Janeiro. A mediação da exposição foi feita por três das 29 artistas participantes e, dentre as três, uma bolsista PIBID, a aluna Layla Werneck. A exposição aconteceu por meio do projeto Artistas Latinas, com curadoria de Andrea Hygino, Emmanuele Russel, Isabel Carvalho e Paulo Farias, e o tema curatorial foi “Resistências”, que se dividiu em três subtemas, sendo eles Afetividades, Urbanidades e Identidade. Contando apenas com mulheres da periferia do Rio de Janeiro, a mostra teve 29 artistas representadas por meio de suas obras, e apesar de todas terem algo em comum – serem mulheres e periféricas –, a diversidade imperou e tornou o que já seria importante, em algo muito significativo, pois permitiu que vozes fossem ouvidas e que trocas importantíssimas fossem feitas. Dessa forma, o contato dos futuros professores e professoras com uma exposição composta apenas por mulheres periféricas e mediadas pelas próprias artistas participantes foi de suma importância para o

enriquecimento do repertório sociocultural, que futuramente será compartilhado com os seus próprios alunos. O PIBID UERJ foi o responsável pelo encontro, porém, ao compartilharmos em nossas redes sociais, alcançamos outros participantes, o que ampliou a experiência do debate e enriqueceu nossa roda de conversa.

Além destas, outras metodologias como a criação e manutenção de perfis em redes sociais, parcerias com outros projetos, bate papos com convidados especiais, entre outras, foram realizadas durante esse quase um ano de projeto, com o intuito principal de aproximar a realidade dos alunos das escolas parceiras às salas de aula de artes, mesmo que a distância.



Fonte: Encontro dos bolsistas, voluntários e supervisores do PIBID Artes UERJ com Gabriel Barreto e Alcino Amaral – artistas convidados pelo projeto para uma discussão junto aos alunos das escolas parceiras sobre a importância da produção artística negra e periférica. 16 de dezembro de 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante disso, os resultados obtidos não poderiam ser diferentes: recebemos na maioria das oportunidades e encontros muito afeto e diversos elogios por parte dos estudantes das escolas parceiras. É claro que nem sempre foi fácil; inúmeros eventos tiveram pouca ou nenhuma interação. Entretanto, a dedicação dos bolsistas, voluntários e supervisores foi um fator fundamental para o desenvolvimento de espaços de troca seguros para os estudantes, que ao longo do tempo se sentiram cada vez mais a vontade e dispostos a participar das experiências propiciadas pelo projeto.



O principal resultado, portanto, que todos os integrantes do PIBID Artes UERJ – bolsistas, voluntários, coordenadores e supervisores – se orgulham de ter alcançado foram justamente esses momentos sensíveis. Diante do contexto, mais do que saber que nossos alunos aprenderam algum conhecimento novo sobre história da arte ou desenvolveram suas habilidades plásticas conosco, o que nos motiva é ter a consciência de que para muitos a nossa iniciativa é sinônimo de acolhimento, de segurança, de carinho. Esse é - e sempre foi - o nosso real objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, por fim, que o PIBID, mesmo em seu formato remoto, continua comprometido com suas formações e responsabilidades acadêmicas. O que caracteriza o impacto do programa na formação dos bolsista e voluntários envolvidos é o desenvolvimento da intimidade com a Educação Básica em seus cotidianos - intimidade nos mais produtivos sentidos, como o exercício crítico inseparável da solidariedade, a observação atenta e comprometida, e, sobretudo, a experimentação criativa de modos de ser e estar nas escolas, entendendo-os como elementos estruturantes de suas formações em curso.

Contamos com o apoio do Laboratório de Ensino da Arte do Instituto de Artes durante esse quase um ano, que, mesmo com todas as incertezas a respeito da continuidade do programa, afirmamos ter experienciado uma trajetória exitosa.

A despeito das dificuldades promovidos pela pandemia do Sars-Cov-2 e intercorrências comuns ao trabalho com as dimensões e interfaces do subprojeto, foi gratificante observar o crescimento acadêmico dos licenciandos e seu rápido e produtivo envolvimento com o programa. Envolvimento refletido nos materiais produzidos, nas atividades realizadas, nos estudos, leituras, encontros e intensos debates sobre as experiências acumuladas. Aspectos que caracterizam a robustez da formação viabilizada pelo PIBID, sem o qual dificilmente aconteceria no fluxo, frequência e intensidade vivenciados remotamente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pelo apoio financeiro ao projeto.



REFERÊNCIAS

FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**. Belo Horizonte: Fino traço, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**. Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IRWIN, Rita. **A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

LARROSA, Jorge. Tremores. **Escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. O coronavírus, nosso contemporâneo. **Revista de Letras**. Portugal. 6 – 19 de maio de 2020.